

# consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXV - Nº 6217 - SEGUNDA-FEIRA, 01 DE OUTUBRO DE 2018



## CRIANÇADA SE DIVERTE NO CLUBE DOS BANCÁRIOS

Alegria, diversão e muitas brincadeiras na comemoração do Dia das Crianças no Clube dos Bancários. A turma do Juka Kids não deixou ninguém ficar parado e comandou a festa com jogos no campo sintético, brincadeiras, chuva de espuma, pintura de rosto e de cabelo, além de disputas muito divertidas como cabo de guerra e torta na cara.

A criançada adorou a piscina de bolinha e a cama elástica foi uma das atrações mais disputadas. O parquinho do Clube ficou disponível para a criançada todo o tempo e para o lanche teve pipoca, acarajé, picolé e frutas.



“Comemorar antecipadamente o Dia da Criança é muito especial, pois se torna uma atividade em família que melhor representa a união e a alegria. Ver toda essa criançada brincando e se divertindo não tem preço. Não poderia ser melhor!”, declarou Jorge Barbosa, presidente do Sindicato.

Para os papais de plantão, rolou o som animado de Sergio e Zanza. Confira as fotos e os vídeos do evento na página do Sindicato no facebook: Bancários Itabuna.



## BANCO PÚBLICO: ESSENCIAL PARA O CRESCIMENTO

Lucrativos, sólidos e essenciais para o desenvolvimento nacional, os bancos públicos têm sido alvo de duros ataques. O objetivo real é sucatear para justificar futuras privatizações. Ao contrário do que tenta vender o governo neoliberal, as instituições não dão prejuízo. Lucraram R\$ 37,3 bilhões no primeiro semestre de 2018.

Os dividendos dos bancos públicos vão repassar à União chegam a cerca de R\$ 5,7 bilhões. A cifra cresce quando se analisa o período de 2002 a 2016 e soma R\$ 285 bilhões.

Se privatizados, os públicos, como Banco do Brasil, BNB e Caixa, vão causar um enorme prejuízo ao país. Em termos sociais e econômicos. Diversas cidades do país correm o risco de não ter mais nenhuma agência bancária.

Na região Norte, por exemplo, 63,3% das unidades são dos bancos federais. No Nordeste, o percentual é de 59,3%. Somente no Sudeste há um número maior de unidades dos privados. Ou seja, sem os públicos, haveria escassez de crédito nas demais regiões do Brasil, que causariam problemas para o financiamento imobiliário, crédito agrícola e desenvolvimento econômico.

Segundo o Banco Central, 87% das operações de crédito realizadas na região Nordeste são de bancos públicos. Na Região Norte, o índice ainda é maior, de 91,8%, no Centro-Oeste, é de 94,5% e no Sul, 84%. Apenas no Sudeste, o patamar é menor, de 36%. (SBBA)

## SOBRECARGA E ASSÉDIO MORAL CAUSAM INSATISFAÇÃO



Os dados sobre sobrecarga de trabalho e assédio moral da Pesquisa Saúde do Trabalhador da Caixa são alarmantes. Dos dois mil empregados entrevistados, 58% se sentem sobrecarregados. Os principais motivos de insatisfação são falta de pessoal (16,3%) e cobrança excessiva por metas (16%).

Outro fator relevante levantado pelos trabalhadores da instituição é que o local de trabalho interfere na sobrecarga. Foram 66,2% empregados que atuam em agências afirmando estar sobrecarregados e 41,2% que trabalham em áreas meio. Para piorar, aproximadamente 15% dos funcionários fazem horas extras com frequência, sendo que a ocorrência é maior entre os mais jo-

vens e os que trabalham em agências.

Quando questionados sobre demanda excessiva por trabalho, pressão, atribuição indevida de erros, ameaças, gritos, entre outras, 53,6% dos empregados disseram ter passado por ao menos uma destas situações. Para 81,3% dos entrevistados, os casos também acontecem com outros colegas.

O assédio moral assusta, mas a negligência da Caixa é ainda mais evidente. Apesar de 86,5% avaliarem como boa a relação com os chefes imediatos, 27,2% reclamam de pressão excessiva por metas. Apenas em 3,1% dos casos, os episódios foram registrados junto ao departamento de Recursos Humanos. (SBBA)



## ELEIÇÕES 2018

### BOLSONARO E O FASCISMO DO SÉCULO 21

*\*Por Fábio Palácio*

Em contexto de avanços da extrema-direita, cujo paradigma é a eleição de Donald Trump, um debate ganha força: pode-se, em casos como esse, falar em fascismo? Que relação haveria entre os movimentos autocráticos na Europa do século 20 e as tendências de ultradireita que irrompem no século 21, impulsionadas por uma das mais graves crises econômicas da história?

A depressão econômica conduz a uma situação curiosa. Embora contribua para a denúncia do que o Nobel de Economia J. Stiglitz chama de “fundamentalismo de mercado”, a crise fortalece em todo o mundo, paradoxalmente, as políticas de austeridade. Também fomenta falsas soluções — muitas delas com apelo à violência — e respostas defensivas como o ódio, a intolerância, a xenofobia e o racismo.

A ascensão de Jair Bolsonaro é o Brasil nesse panorama. Sua candidatura à Presidência é filha dileta da crise — não só a econômica, mas também a correlata crise política que se abate sobre o Brasil desde 2013. Como Trump, Bolsonaro projeta-se explorando uma situação descrita como falência da democracia, resultado do esgarçamento das instituições políticas, capturadas pelo poder econômico, distanciadas da população, afundadas na corrupção e na burocracia.

Num quadro de esvaziamento da política, o candidato neoconservador desdenha das mediações partidárias, como se vê logo em sua aliança. Prefere as mediações de cunho midiático, facilitadas pelas novas possibilidades abertas com as redes sociais. Vai conseguindo, dessa maneira, transformar em força eleitoral o próprio descrédito para com os partidos e a política.

Se tiver êxito, não terá sido a primeira vez que acontece. Nos primórdios do século 20, na Itália — país que conserva importantes paralelos com o Brasil —, a nomeação de Benito Mussolini como primeiro-ministro resultou de grave crise do regime liberal. O pensador italiano Antonio Gramsci — um dos primeiros a refletir sobre a gênese e os significados da experiência fascista — situa as origens da crise política italiana na Primeira Grande Guerra. Esta, por sua vez, teria raízes na crise econômica, que já era latente antes do Crash de 1929. “Todo o pós-guerra é crise, com tentativas de remediá-la que às vezes têm sucesso neste ou naquele país [...] A própria guerra é uma manifestação da crise”, diz o autor nos Cadernos do Cárcere (Einaudi, 1975).

Na Península Itálica, as sequelas da Guerra evoluíram para o que Gramsci chamou de crise orgânica: a ruptura entre as classes sociais e suas representações tradicionais. É característica desse tipo de crise a falência total ou parcial do sistema político-partidário. Essa situação abre espaço para a atuação política de outros tipos de instituições. Reforça-se o poder da burocracia, dos tribunais, da finança, dos meios de comunicação, das igrejas. Diz Gramsci:

“A certo ponto de sua vida histórica os grupos sociais se destacam de seus partidos tradicionais [...] Os homens determinados que os constituem, os representam e os dirigem não são mais reconhecidos como expressão de sua classe [...]. Quando essas crises se verificam, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, porque o campo é aberto às soluções de força, à atividade de poderes sombrios representados pelos homens providenciais ou carismáticos.”

O fascismo irrompe, nessa perspectiva, como alternativa conservadora para a solução da crise orgânica que colocava em xeque a hegemonia burguesa na Itália, no pós-guerra. Essa visão é corroborada por outro autor de extração marxista, o peruano J. C. Mariátegui. Em *Biología del Fascismo* (Lanús Oeste, 2012), ele observa que os ressentimentos pela participação da Itália na Primeira Guerra criaram um clima favorável à reação conservadora. A guerra deixou como herança um rastilho de mágoa e decepção. Esse caldo de cultura ganhou corpo, em primeiro plano, na classe média rural e urbana. Ela “sentia-se distante e adversária da classe proletária [...] Não lhe perdoava os altos salários, os subsídios do Estado, as leis sociais que, durante a guerra e depois dela, havia arrancado ao medo da revolução. [...] Esses maus humores da classe média encontraram guarida no fascismo”. \*

*\*Confira matéria completa no site do Sindicato!*